Globethics Repository



“A financeirização é a própria crise permanente que se torna forma de governo” ["The financialization is the very permanent crisis that becomes a form of government"]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Santos, João Vitor
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-26 10:26:27
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/157971

“A financeirização é a própria crise permanente que se torna forma de governo”

Gigi Roggero observa como a lógica da financeirização é capaz de capturar a moral como uma mercadoria extremamente valorizada

Por João Vitor Santos | Tradução de Moisés Sbardelotto

A consciência é como um algoz. Por vezes, ela funciona como martelo que fere até que somos forçados a rever nossos conceitos. Até aí, nada de problema. A questão toda está quando lidamos com essa consciência desde uma perspectiva financeirista. Pensando a partir do capitalismo, é como se servíssemos a esse senhor, mas nos sentíssemos menos pior por usar produtos que se dizem gerados dentro de certos critérios éticos. Mas que critérios são esses? E que ética é essa atravessada pelo capitalismo financeirizado? “O capitalismo não pode ser posto em discussão pela moral, mas apenas pela organização de uma força coletiva antagônica e potencialmente autônoma de capital”, afirma Gigi Roggero, pesquisador no Departamento de Política, Instituições e História na Universidade de Bolonha.

Roggero acredita que a moral discutida por uma perspectiva do capital leva somente a um resultado: a moral enquanto mercadoria. “A moral é uma mercadoria que, nas últimas décadas, se tornou uma preciosa fonte de valorização, também nos mercados financeiros”, analisa. O pesquisador lembra como o termo “humanitário” passa a ser tido como uma espécie de valor agregado, aplicável a todo tipo de produto vendável, de sapatos a armamentos. “Quantos capitalistas e fundações patronais competem para serem vistos na linha de frente em obras de solidariedade”, completa. Para Roggero, nesse processo de apreensão, até a moral se torna funcional aos processos de individualização neoliberal. “Se existe a hiperexploração das crianças ou a devastação do ambiente, isso não depende de um sistema baseado na exploração, mas de você, que não adquire os itens de vestuário éticos ou não faz a coleta seletiva. A moral é plenamente interna ao mercado, em nada alternativa a ele”, analisa.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Roggero ainda analisa o peso do capital nesse estado de crises e a dificuldade de se compreender tais crises. É o caso das próprias universidades que, assim como as esquerdas, não conseguem ler o atual momento. “A universidade, no seu conjunto, está em crise, como espaço de produção de conhecimento”, aponta.

Gigi Roggero é formado em História Contemporânea pela Università degli Studi di Torino e pesquisador pós-doutorado no Departamento de Política, Instituições e História na Universidade de Bolonha, na Itália. É membro do conselho editorial da WorkingUSA, e dos coletivos Edu-fábrica, UniNômade e de Il Manifesto. É coautor de *Futuro Anteriore. Dai “Quaderni Rossi” ai movimenti globali: ricchezze e limiti dell’operaismo italiano* (Roma: Derive-Approdi, 2002).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como compreende o conceito da financeirização e qual sua incidência nas transformações produtivas e do trabalho?

Gigi Roggero – A financeirização é a resposta capitalista para a crise dos processos de acumulação, determinada em escala mundial pelas lutas operárias e proletárias dos anos 1960 e 1970. Onde as lutas punham em discussão o comando sobre a força de trabalho den-

> *A moral é uma mercadoria que, nas últimas décadas, se tornou uma preciosa fonte de valorização*

tro do ciclo produtivo da fábrica, o capital intensifica o processo de subsunção da sociedade inteira. A financeirização indica a potencial valorização para o capital de qualquer atividade humana.

Não se pode hoje esgotar o seu significado de acordo com a clássica definição do ciclo econômico, para a qual a financeirização chega em uma fase de pico e como prelúdio à crise. A financeirização tende agora, de fato, a impregnar o ciclo inteiro, pondo em discussão uma rígida divisão entre economia real e economia financeira. Tanto é que, mais do que um prelúdio à crise, a financeirização é a própria crise. Ao caráter pervasivo da financeirização corresponde o caráter permanente da crise.

IHU On-Line – De que maneira a perspectiva econômica se transforma em uma perspectiva moral, impactando nas relações políticas e sociais? Como romper com essa lógica, pensando numa sociedade livre das amarras do paradigma do cálculo?

Gigi Roggero – O capitalismo é uma relação social, baseada, portanto, na força entre duas macropartes antagônicas. Como tal, ele não tem nada a ver com a moral. Ao mesmo tempo, o capitalismo não pode ser posto em discussão pela moral, mas apenas pela organização de uma força coletiva antagônica e potencialmente autônoma de capital.

Digo mais: a moral é uma mercadoria que, nas últimas décadas, se tornou uma preciosa fonte de valorização, também nos mercados financeiros. Pense-se em como o termo "humanitário" é útil para vender de tudo, de sapatos à guerra. Ou em quantos capitalistas e fundações patronais competem para serem vistos na linha de frente em obras de solidariedade. E a moral se torna também uma armadilha, funcional aos processos de individualização neoliberal: se existe a hiperexploração das crianças ou a devastação do ambiente, isso não depende de um sistema baseado na exploração, mas de você, que não adquire os itens de vestuário éticos ou não faz a coleta seletiva. A moral é plenamente interna ao mercado, em nada alternativa a ele.

IHU On-Line – Em que medida as inúmeras crises internacionais, de perspectiva econômica, revelam um estado de crise maior, que podemos chamar de crise do sistema ou crise sistêmica?

Gigi Roggero – Christian Marazzi[1] defende que a financeirização é a tentativa capitalista de se autonomizar do trabalho vivo. Tentativa impossível, tanto que – afirma o próprio Marazzi – a crise representa uma espécie de nêmese para o capital, uma espécie de vingança póstuma da classe operária. Desde sempre, como Marx[2] nos ensinou, o capital contém em si a crise, desenvolve-se através dela, utilizando-a para iniciar novos ciclos de acumulação.

Hoje, porém, a crise permanente é diretamente uma forma de governo. Não só não é um prelúdio para um colapso objetivo, como diversos marxistas tinham se iludido no século passado, equivocando-se sobre Marx; mas a crise também se torna um instrumento de comando político sistêmico. Pense-se nas expectativas das pessoas: o capital usa a crise para rebaixá-las e, assim, para elevar os níveis de aceitação.

IHU On-Line – Qual o papel das universidades na compreensão de estado de crises, de crise sistêmica? Como avalia a forma como o tema vem sendo tratado em espaços de produção de saber?

Gigi Roggero – Em 2009, a rainha da Inglaterra questionou alguns renomados discentes de economia das *global universities* porque os economistas não tinham sabido prever a crise global. Estes – para se justificarem – responderam que não só os economistas não tinham sabido prevê-la, mas também que a economia como disciplina é inteiramente cúmplice da própria crise. O ponto é que a universidade, no seu conjunto, está em crise, como

1 **Christian Marazzi:** professor e diretor de investigação socioeconômica na Universidade della Svizzera Italiana. Também foi professor na Universidade Estadual de Nova York, na Universidade de Pádua, em Lausanne e Genebra. Entre suas obras, citamos *Autonomia* (Cambrigde: Mit Press, 2007), *Capital and language* (Cambrigde: Mit Press, 2008), em parceria com Michael Hardt e Gregory Conti, e *O lugar das meias. A virada linguística da economia e seus efeitos na política* (São Paulo: Civilização Brasileira, 2009). Confira também as entrevistas *Biocapitalismo. A vida no centro do crescimento econômico*, publicada na edição 301 da **IHU On-Line**, de 20-07-2009, disponível em http://bit.ly/19eTu0C; e *A sociedade: uma grande fábrica de produção de valor*, publicada na edição 327, de 03-05-2010, disponível em http://bit.ly/1FuQHhG. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição nº 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, que tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx,* disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, confira a edição 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em http://bit.ly/ihuon278. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon327. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em http://bit.ly/IHUOn449. (Nota da **IHU On-Line**)

espaço de produção de conhecimento, e está em crise a forma tradicional de divisão dos saberes, as disciplinas, assim como a inter e a multidisciplinaridade que representam uma tentativa de desenvolvimento delas.

Cada vez menos as universidades são capazes de explicar o que acontece ou o que pode acontecer. Aqui, abre-se um campo de possibilidades, isto é, a organização autônoma da produção de saberes e da formação. Mas atenção: a autonomia, em sentido forte, só pode nascer da luta e da ruptura com as instituições existentes, caso contrário, é capturada dentro dos processos de inovação capitalista.

IHU On-Line – Como a Europa tem refletido e assimilado esse estado de crises? Em que medida tem rompido com o paradigma econômico para compreender as crises financeiras? O que o episódio do Brexit[3] revela acerca do momento econômico e político do mundo de hoje atravessado pelas perspectivas da financeirização?

Gigi Roggero – Não existe Europa fora do capitalismo financeiro e da sua crise. Há muito tempo, existe uma ideologia europeísta de que a esquerda está impregnada e que permeia também várias partes das camadas políticas do movimento (aqui, entende-se por movimento as organizações antagônicas independentes da esquerda e das instituições). Entre os intelectuais, além disso, inclusive boa parte dos militantes, a ideologia europeísta se torna uma forma de preservação daquela cultura da qual depende a sua posição acadêmica e social.

Hoje, nestas latitudes, uma luta contra o capitalismo financeiro e o governo da crise só pode ser uma luta contra a Europa real, que é a única existente. Dizer isso não significa um retorno aos Estados-nação, como gostariam os reacionários e como defendem de má-fé os ideólogos do europeísmo abstrato, assim como no passado a luta revolucionária contra o Estado-nação certamente não significava um retorno às instituições feudais.

Brexit

O Brexit indica claramente que, em nível popular, há uma rejeição da Europa como rejeição do governo da crise. O voto pelo *leave*, de fato, foi principalmente um voto proletário e dos sujeitos mais atingidos pela crise. Essa rejeição, sem dúvida, assume formas ambíguas e contraditórias, isto é, pode tomar direções extremamente diferentes ou, melhor, contrapostas. Mas, especialmente em tempos de crise, quando se reduzem os espaços da mediação e aumentam os processos de polarização, as dinâmicas de luta são cada vez mais permeadas pela ambiguidade.

Quem quer transformar o estado atual das coisas deve ser capaz de ficar dentro dessa ambiguidade, para fazer dela um espaço coletivo de conflito e de ruptura. Essa ambiguidade, hoje, produz desestabilização. Quem se alinha com a Europa está hoje – queira ou não – do lado daqueles que visam à conservação das atuais relações de dominação e poder. Ambíguos são os fenômenos sociais, não existe um lado de fora dessa ambiguidade, senão a ideologia estéril e subalterna; o que não deve ser ambígua é a direção política em que nós vamos.

IHU On-Line – Falando em crise da esquerda no mundo, em que medida podemos afirmar que essa crise também tem origem no atravessamento da lógica da financeirização frente aos princípios mais socialistas? Alguns países, essencialmente na América Latina, parecem estar vivendo uma baixa de governos ditos progressistas e uma retomada de poder por uma direita. Como compreende esse fenômeno?

Gigi Roggero – O ponto é que a dialética direita-esquerda se esgotou. Algum tempo atrás, um medíocre político italiano disse que o confronto não se dá mais entre direita e esquerda, mas entre aqueles que ele definiu como "sistemistas" e "populistas". Essa afirmação certamente não indica a clarividência das camadas políticas, mas o seu medo, que as leva, às vezes, a uma maior clareza ao identificar aquilo de que elas têm terror.

O termo populismo já não quer significar mais nada, perdeu toda relação com a sua dimensão histórica. Indica simplesmente, aos olhos de quem tem nas mãos as rédeas do poder, todos aqueles que, de algum modo, se opõem ao sistema existente. Em nível político, há aqueles que fazem isso em sentido reacionário e aqueles que fazem isso em sentido revolucionário. Aqueles que fazem isso para substituir os governantes atuais e aqueles que fazem isso para destruir as instituições existentes, enquanto, em nível social, há a profunda ambiguidade aberta em todas as direções de que falávamos antes.

Hoje, dentro da estratificada composição social que sofre os custos da crise, dizer esquerda significa dizer conservação de um existente que dá nojo. Na Itália, o nosso inimigo número um é o Partido Democrático, herdeiro do Partido Comunista Italiano. A parábola de muitos governos latino-americanos também pode ser lida, talvez, deste modo: eles não têm a capacidade e a coragem de serem outra coisa senão governos de esquerda.

Fim e oportunidade

O fim da esquerda, para nós, é uma oportunidade, porque os revolucionários nunca foram de esquerda. A esquerda constitui historica-

3 **Brexit:** a saída do Reino Unido da União Europeia (UE) é apelidada de Brexit, palavra-valise originada na língua inglesa resultante da fusão das palavras Britain (Grã-Bretanha) e exit (saída). A saída da Grã-Bretanha da UE tem sido um objetivo político perseguido por vários indivíduos, grupos de interesse e partidos políticos, desde 1973, quando o Reino Unido ingressou na Comunidade Econômica Europeia (CEE), a precursora da UE. Confira o artigo *A vitória do Brexit: interpretando cenários complexos e incertos,* de autoria de Bruno Lima Rocha e Diego Pautasso, publicado na edição 488 da **IHU On-Line**, de 04-07-2016, disponível em http://bit.ly/2ahTxPa. (Nota da **IHU On-Line**)

mente uma forma de domesticação e recuperação burguesa da revolução. Aqueles que mais devem se preocupar com esse fim são os "sistemistas", certamente não nós. Se poderá dizer: porém, a direita reacionária existe e, na crise, pode se alimentar. É claro, mas o contrário da direita reacionária não é a esquerda, mas a revolução.

IHU On-Line – Quais são as oportunidades e os riscos oferecidos a partir desse estado de crise financeira? Que outras lutas sociais emergem e como velhas batalhas se atualizam?

Gigi Roggero – A crise é sempre uma possibilidade. O problema é que o capital está utilizando essa possibilidade como reforço das suas formas de comando, enquanto as lutas custam a construir processos de recomposição. Entre 2011 e 2013, do norte da África ao Brasil, desenvolveu-se um ciclo de movimentos na crise capaz de prefigurar algumas características importantes das lutas por vir (discutimos muito sobre isso, vejam-se, por exemplo, os materiais que produzimos nos sites da UniNômade[4] e do Commonware[5]). Eles também representaram a necessidade de construir autonomamente novas expectativas em relação a um sistema que continuamente as fecha ou as valoriza para si mesmo. Restam muitos limites e problemas não resolvidos, o primeiro dos quais é o cerne da ruptura com as instituições existentes e a construção de processos de organização coletiva autônoma.

No entanto, a fase atual também não é desprovida de conflitos, ao contrário, os conflitos são contínuos, só que não assumem as formas que temos em mente. Basta ver o quadro de desestabilização geopolítica ou de desagregação como o Brexit de que falávamos antes, que indicam claramente que a fase atual é uma fase nada pacificada. Ou pensemos na guerra permanente, intimamente ligada à crise permanente. Essa forma de guerra tem características parcialmente novas e se expressa de vários modos, de baixa ou alta intensidade, da guerra social à guerra guerreada, passando pelas múltiplas guerras comerciais e financeiras. O maior problema que temos não são todas as pessoas que morreram na guerra, mas o fato de que hoje não temos formas de contraposição adequadas, ou seja, não conseguimos transformá-la em uma oportunidade revolucionária.

Pacifismo equivocado

Uma coisa é certa: as formas do passado recente, as do movimento *no global*[6] e *no war*, são inúteis. Era um pacifismo (ingênuo como todos os pacifismos) expressado, acima de tudo, por uma classe média ainda não atingida por processos violentos de crise, desclassificação e empobrecimento. Esse pacifismo é inteiramente monopolizado pela Igreja Católica, que tem o poder e os meios para poder fazer dele um recurso útil para a sua política, sobretudo com o Papa Francisco e na competição com outras estruturas religiosas.

Do ponto de vista das lutas, devemos transformar a guerra em contraposição aos governantes e às instituições, que, por um lado, nos empobrecem e, por outro, nos arrastam para as suas guerras de negócios. Particularmente nas fases de crise, a dimensão ideal tem bem pouco espaço: é apenas a partir da materialidade das condições de vida e das suas ambivalências e ambiguidades que podemos construir processos de conflito e de ruptura com o governo da crise e da exploração.■

4 O endereço eletrônico da versão em italiano da UniNômade é uninomade.org. O site em português está disponível em uninomade.net. (Nota da **IHU On-Line**)

5 O endereço eletrônico é commonware.org. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Movimento no-global** ou movimento anti-globalizzazione: são expressões nascidas na imprensa italiana para indicar um conjunto de grupos internacionais, organizações não governamentais, associações e indivíduos que partilham a crítica do sistema econômico neoliberal. Fato esse que apareceu pela primeira vez por volta de 1999, por ocasião da Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio – OMC em Seattle, Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *Por que não defender o default e o uso multitudinário do default?* Entrevista com Gigi Roggero, publicada na revista **IHU On-Line** nº 372, de 05-9-2011, disponível em http://bit.ly/2bCkqt2.
- *Capitalismo cognitivo. A financeirização, em crise, é a sua forma econômica real*. Entrevista com Gigi Roggero, publicada na revista **IHU On-Line** nº 301, de 20-7-2009, disponível em http://bit.ly/2bXjK5x.
- *"A empresa é global, a chantagem é local"*. O caso Fiat. Entrevista especial com Gigi Roggero, publicada nas **Notícias do Dia** de 15-2-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2bGgSWE.
- *Bárbaros de toda a Europa, uni-vos*. Artigo de Gigi Roggero, reproduzido nas **Notícias do Dia** de 04-7-2016, disponível em http://bit.ly/2bBFShr.